

Roberto Magalhães é afinal o vice de Covas

“A novela acabou”, disse-me ontem o ministro Thales Ramalho, a propósito do convite do PSDB ao ex-governador de Pernambuco Roberto Magalhães para ser o companheiro de chapa do senador Mário Covas como candidato a vice-presidente da República. O anúncio formal da candidatura foi marcado para ontem, numa reunião de Magalhães com os dirigentes nacionais do partido, na residência do senador Afonso Arinos, na rua dona Mariana, Rio de Janeiro. Thales, sem ser do partido, pois continua no PMDB, foi envolvido na novela por suas relações pessoais com o ex-governador, que o pôs a par das negociações, dia a dia. Quarta-feira à noite, na residência do ex-assessor de Sarney em Brasília, os deputados Euclides Scalco e Egídio Ferreira Lima receberam a informação de que Magalhães aceitara a candidatura, enfrentando embora a resistência da deputada Cristina Tavares. A Convenção Nacional realiza-se amanhã, em Belo Horizonte.



A deputada, que preside a seção pernambucana do PSDB, acusara Magalhães de levianidade por ter divulgado o que, a seu ver, seria uma simples sondagem. Na verdade, era consulta autorizada e feita por intermédio do senador José Richa, devidamente credenciado por Mário Covas. Não se sabe qual será a reação de Cristina, mas o anúncio esperado para ontem, no Rio, uma vez consumado, deve ter provocado a reação de pessoa tão pronta nas respostas quanto aquela conhecida política. O encontro na casa de Afonso Arinos deveria ter a presença do candidato a presidente, mas Covas, comprometido a comparecer a um encontro em São Paulo com 300 correligionários, não sabia como superar tal compromisso para atender ao desejo de participar da conversa final com Roberto Magalhães, que se deslocara para o Rio a fim de escapar a fofocas locais.

A campanha do PSDB dá um passo adiante com essa decisão, que atraiu para o movimento prestigioso político do Nordeste, ao mesmo tempo em que cortou sua marcha rumo ao PDT e à candidatura de Leonel Brizola, que sofre mais uma frustração na tentativa de expandir-se politicamente. Como se sabe, eram apenas circunstanciais as dificuldades de aceitação na sua família da idéia da candidatura do ex-governador. Elas decorriam de problemas de economia doméstica, que não afetaram a decisão política de um homem que, embora pobre, se sente definitivamente vocacionado para a vida pública. Roberto Magalhães é advogado de profissão, professor de Direito, e sua banca só recentemente, ~~depois~~ ^{quando} assumiu o governo do Estado, foi plenamente reconstituída.

O Nordeste do PMDB

O outro Nordeste, o do PMDB, continua a sofrer de indefinição. Dois dos seus governadores, do Ceará e do Rio Grande do Norte, reexaminam suas posições, desde que a Convenção Nacional peemedebista lançou a chapa Ulysses Guimarães-Waldir Pires. Tasso Jereissati tem demonstrado dificuldades em endossar essa chapa, menos por ressentimento com Ulysses, que lhe vetou o nome para ministro da Fazenda, do que pelo estado de espírito dos seus correligionários mais próximos. O governador não é intrinsecamente um político do PMDB, ao qual se incorporaram ele e seus amigos do Centro de Indústria do Ceará, um grupo de jovens empresários que decidiu influir nas decisões locais, por entender ser aquela, na oportunidade, a melhor legenda para abrigá-los. Jereissati é filho de antigo político do PTB e ex-governador, e seu principal secretário, Sérgio Machado, é filho do ex-ministro Expedito Machado, do velho PSD, cassado em 1964 e que ressurgiu no PSDB.

Ingressando no PMDB, aqueles jovens empresários associaram-se politicamente a Mauro Benevides e Paes de Andrade, antigos políticos oriundos também do PSD, mas levados desde cedo à oposição ao sistema militar. O senador e o deputado que preside a Câmara ajustam-se sem dificuldade ao esquema de Ulysses, mas sensíveis às oscilações da opinião na capital, o governador e seus amigos não se sentem motivados a adotar uma chapa que não têm razões históricas, mas apenas razões políticas recentes para com ela se comprometerem. Há alguma afinidade com o programa social-democrático de Mário Covas, por cuja candidatura Jereissati tem se inclinado, até mesmo porque da parte desse candidato não há objeções em receber o apoio de Expedito Machado, um dos líderes do *Centrão* na Constituinte.

O apoio ao candidato do PSDB é não só possível como provável, desde que ajustado a um propalado programa de salvação do Nordeste.

Quanto a Geraldo Mello, eleito governador do Rio Grande do Norte com os votos do ministro Aluizio Alves, tem procurado definir posição política própria. O ministro engajou-se na candidatura de Ulysses, embora pessoas de sua família estejam apoiando Fernando Collor de Mello. O governador, que se aproximou de Jereissati e de Arraes, não assumiria posições idênticas às da família Maia, pelo menos por enquanto. Circunstâncias reunidas, ele pode encontrar na candidatura Covas um caminho natural para superar as dificuldades políticas do momento.

Carlos Castello Branco